

Lago seco, animais em risco



AQUI JAZ UM LAGO Aridez no Bosque da Barra ameaça a fauna, e obras no entorno são investigadas

A fonte seca, águas começaram a baixar no meio do ano, atingiram estágio crítico em setembro e jacarés do parque correm risco

LEILA CIRALDO, CAROLINA CALLIGARIS E CUSTODIO COMBRA

A paisagem começou a mudar no meio do ano. Membros do Conselho Gestor do Parque Natural Municipal do Bosque da Barra notaram a queda no nível das águas nos quatro lagos no espaço na Zona Oeste do Rio que é, ao mesmo tempo, opção de lazer e, em mais de 70% de sua área, unidade de conservação ambiental. Em época de extremos climáticos, os longos períodos sem chuvas desportaram como principais suspeitos, mas passaram a dividir as preocupações com obras de saneamento iniciadas em julho pela concessionária Iguá. O projeto de ampliação da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) da Barra prevê, entre outras intervenções, o rebaixamento do lençol freático sob a reserva. Desde o primeiro alerta, a reforma foi paralisada em duas ocasiões por determinação da Secretaria municipal de Meio Ambiente e Clima (Smac).

ESTÁGIO CRÍTICO Na segunda quinzena de setembro, o maior dos quatro lagos, todos de água doce, atingiu um estágio de seca mais crítico. Na área de 11 hectares, vivem 31 filhotes de jacaré-de-papo-amarelo. Os outros três corpos hídricos abrigam outros 17 indivíduos adultos da mesma espécie. Como agravamento da situação, o Ministério Público do Rio (MPRJ) instaurou inquérito civil no último dia 11 e notificou a Iguá a prestar esclarecimentos em dez dias. O órgão ainda requisitou à Smac, à Fundação Rio Águas, ao Instituto Estadual do Ambiente (Inea), ao Ibama, e ao Comando de Policiamento Ambiental da Polícia Militar

a realização de vistoria no local, "bem como a demonstração documental das medidas adotadas pelos respectivos órgãos". A Delegacia de Proteção ao Meio Ambiente (DPMA) abriu procedimento para apurar o caso. A concessionária garante ter recebido "as devidas licenças para a execução do projeto", informação que o Inea refuta. Em comunicado publicado no seu site, a Iguá conta que a obra tem o objetivo de "aumentar em 50% a capacidade de tratamento da unidade". Ainda em julho, a Smac chegou a constatar, após vistoria, que o rebaixamento do lençol freático contribuiu para o ressecamento do lago, o que motivou a primeira paralisação da obra. Com a persistência do problema, a secretaria suspendeu os trabalhos novamente no último dia 4. Representantes de órgãos públicos e da concessionária estiveram em uma reunião do Conselho Gestor do Parque reabreliada anteriormente. No encontro, segundo informa o Inea em nota, "foi determinado que a Concessionária Iguá adote, como medida emergencial, a

devolução de parte da água para o lago do bosque". Membro do conselho do Bosque da Barra, o ambientalista Emanuel Alencar esclarece que o rebaixamento do lençol freático não foi comunicado à gestão do parque. — Tudo leva a crer que há uma imprudência grande da concessionária. Ninguém é contra obras de saneamento básico. As regiões da Baixada de Jacarepaguá e da Barra precisam urgentemente dessas obras. No entanto, tudo precisa ser feito com critério, licenças ambientais corretas e fiscalização dos órgãos públicos — defende Alencar. FAUNA E FLORA SÃO VÍTIMAS O biólogo Luiz Roberto Zanith, professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense (UFF) e outro integrante do conselho, observa que os jacarés não são as únicas vítimas do problema. — Este rebaixamento do nível do lençol freático não está afetando apenas os jacarés. Infelizmente, temos várias outras espécies da fauna e da vegetação sendo impactadas. É o caso da borboleta-da-praia, do peixe-

das-nuvens e da arbórea pau-de-tamano. O biólogo e gestor de biodiversidade Izar Aximoff lembra que o parque foi criado, entre outras coisas, justamente para proteger a biodiversidade e as lagoas costeiras, comuns nas regiões hidrográficas de Jacarepaguá, reduzidas por conta da especulação imobiliária. — Espécies como anfíbios e répteis, que dependem do ambiente aquático por uma parte da vida, certamente foram afetadas. Existem, também, espécies da flora ameaçadas de extinção e que, provavelmente, serão impactadas — diz Aximoff, antes de lembrar que essas lagoas costeiras são importantes para abrigar aves em deslocamento, que param para se alimentar e ali encontram lugar seguro para reprodução. Em pronunciamento a respeito do problema, a concessionária alega que "não é possível correlacionar a obra da Iguá com a situação de seca da área alagada, que já ocorreu em outras ocasiões anteriores à concessão da empresa, especi-

almente nos períodos não chuvosos ou de estiagem". O trabalho de rebaixamento do lençol freático é definido pela empresa como um procedimento "necessário" e "comum". O comunicado também afirma que a Iguá instituiu "monitoramento constante do lençol freático na área das obras e adotou a solução de recirculação, na qual toda a água retirada é devolvida em uma área do parque, respeitando todos os parâmetros ambientais estabelecidos". A Agência Reguladora de Energia e Saneamento Básico do Estado do Rio (Agernera) também instaurou processo regulatório para apurar as condições em que a obra vem sendo executada, o que poderá gerar penalidades à concessionária. Doutor em Engenharia e docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, Antônio Giansante reconhece a técnica como um recurso usado em obras de saneamento, porém destaca a necessidade de estudos de impacto no entorno da região onde fica o lençol freático. Uma intervenção desta magnitude no meio urbano poderia gerar impacto em construções, ao provocar, por exemplo, a inclinação de prédios.

— O rebaixamento do lençol é necessário sempre que se vai fazer uma escavação e se encontra o nível de água no solo. Se está fazendo uma obra de saneamento, precisa disso. Sempre que se faz esse tipo de obra, seja no meio urbano ou mais vulnerável, tem que verificar o impacto. Faz parte da boa técnica. Você pode ter responsabilidade por isso — diz Giansante, que acrescenta que o processo pode ser revertido. Se não tem recalcque de construções, é temporário. Tem como mitigar isso, controlar o nível da lagoa, fazer uma barreira para não deixar a água da lagoa sair.

ANIMAIS PODEM ESCAPAR Ricardo Freitas Filho é responsável pelo Instituto Jacaré de Pesquisa e Conservação de Fauna Silvestre no Rio de Janeiro. Para ele, o maior impacto da seca no Bosque da Barra pode ser um cenário em que não haja mais jacarés nessa área: — Eles vão sair de lá em busca de um lugar mais favorável. O pesquisador explica que há duas rotas de fuga para os animais. Uma passa por trás do aeroporto e segue até a Lagoa de Jacarepaguá, enquanto a segunda segue o mesmo destino no por um canal nos fundos do condomínio Santa Mônica. — O complexo lagunar é um sistema delicado e integrado. As pessoas se esquecem da importância da integração desse ambiente. Alguns animais terão um pequeno erro de rota e vão entrar nas áreas dos condomínios, do aeroporto ou, até mesmo, do Hospital Vitória — alerta ele. Na opinião dele, não tem muito sentido repor a água do lago neste momento, já que esse volume continuará "vazando pelo ralo", nem transferir os animais. — Ainda não há risco de vida. Mas se demonstrarem muito para tomar uma atitude, pode haver consequências piores. Estamos no período reprodutivo deles. Ainda não há filhos, mas já existem disputas territoriais — explica. — Soltar um jacaré no lugar errado pode gerar brigas, em que eles podem se ferir ou se matar. * Estagiária sob a supervisão de Leila Youssef

QUATRO LAGOS DE ÁGUA DOCE AFETADOS

No total, 11 hectares do lago principal secaram, o que equivale a cerca de 11 campos de futebol. Nos demais lagos vivem 17 jacarés.



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Rio Pagina: 24